ISSN 2594-9063

https://doi.org/10.30681/traos.v10i1.13656

Variação diatópica em tirinhas: um estudo de aspectos sociolinguísticos variacionistas no português

Diatopic variation in comic strips: a study of variationist sociolinguistic aspects in Portuguese

Neide Araujo Castilho Teno[1]
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Elza Sabino da Silva Bueno[2]
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Luciane Rodrigues do Carmo Lima[3]
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Como citar este trabalho:
TENO, N. A. C.; BUENO, E. S. da S.; LIMA, L. R. do C. Variação diatópica em tirinhas: um estudo de aspectos sociolinguísticos variacionistas no português**. Traços de Linguagem**, v. 10, n. 1, p. 233-242, 2026.

RESUMO: O presente estudo analisa como são tratados os fenômenos da variação diatópica em tirinhas de histórias em quadrinhos (HQs). Este texto tem relação com um projeto de pesquisa que ora desenvolvemos no Profletras "(Multi) Letramentos e os Gêneros Textuais e ou Discursivos: Contribuições para o Ensino e Aprendizagem de Línguas em Tempos Digitais". Realizamos um recorte de amostra de duas tiras: uma de livro didático e outra retirada da internet. Para direcionar a pesquisa recorremos a estudiosos como Bagno (2006), Castilho (2014), Bortoni-Ricardo (2004) entre outros. Trata de um estudo qualitativo sob aporte da sociolinguística variacionista cuja análise foi restringida à variação diatópica que representa os falares, a pronúncia, os sotaques, os dialetos e palavras diferentes para os mesmos conceitos. Bagno (2007) destaca cinco tipos de variação: diastrática, diatópica, diacrônica, diamésica e diafásica. Assim, restringimos nesta amostra apenas à variação diatópica, cujo estudo trouxe algumas ressaltas de que no gênero tirinhas é possível identificar a origem do falante e a cultura da comunidade a que ele pertence. Outro ponto que foi observado é focar em estudos que lida com representação da variação linguística e não com ela mesma, dada a importância de conhecer os temas mediado pela expressividade pretendida pelo autor das tirinhas.
PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística, Variação Diatópica, Gênero Tirinhas

ABSTRACT: The present study analyzes how the phenomena of diatopic variation are treated in comic strips. This text is related to a research project that we are currently developing in Profletras

[1] Doutora em Educação. Mestre em Linguística. Docente Sênior do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) e do Programa de Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidades Universitárias de Dourados e Campo Grande-MS. Coordena os seguintes Projetos de Pesquisa "(Multi) Letramentos e os Gêneros Textuais e ou Discursivos: Contribuições para o Ensino e Aprendizagem de Línguas em Tempos Digitais" e "Narrativas Profissionais: Diálogos Sobre o Agente de Letramento e o Ensino". ORCID https://orcid.org/0000-0001-5062-9155. E-mail: cteno@uol.com.br

[2] Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista - FCL- UNESP. Docente da Graduação e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS/Dourados. Tem experiência em Letras/Sociolinguística, atuando em: variação linguística, português falado. Colaboradora no Projeto de Pesquisa (Multi) Letramentos E Os Gêneros Textuais E Ou Discursivos: Contribuições Para O Ensino E Aprendizagem De Línguas Em Tempos Digitais ORCID https://orcid.org/0000-0003-0071-4372. *E-mail*: elza@uems.br

[3] Acadêmica do Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS/Dourados. Pibidiana do Programa de iniciação à docência-PIDID/UEMS. Docente no Projeto Português para Estrangeiro da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS/Dourados. *E-mail*: luciane.cr.lima@gmail.com

"(Multi) Literacies and Textual and/or Discursive Genres: Contributions to Language Teaching and Learning in Digital Times." We carried out a sample selection of two strips: one from a textbook and another taken from the internet. To guide the research, we drew on scholars such as Bagno (2006), Castilho (2014), Bortoni-Ricardo (2004), among others. This is a qualitative study under the framework of variationist sociolinguistics whose analysis was restricted to diatopic variation, which represents the ways of speaking, pronunciation, accents, dialects, and different words for the same concepts. Bagno (2007) highlights five types of variation: diastratic, diatopic, diachronic, diamesic, and diaphasic. Thus, we restricted this sample to diatopic variation only, whose study brought some noteworthy points, namely that in the comic strip genre it is possible to identify the speaker's origin and the culture of the community to which they belong. Another point that was observed is the focus on studies that deal with the representation of linguistic variation and not with linguistic variation itself, given the importance of understanding the themes mediated by the expressiveness intended by the author of the comic strips.
KEYWORDS: Sociolinguistics, Diatopic Variation, Comic Strip Genre

Introdução e fundamentação teórica do estudo

Estudiosos de diferentes áreas do conhecimento vêm demonstrando que o ensino e aprendizagem de língua portuguesa no ensino básico é marcado por baixo "desempenho nas habilidades de leitura e escrita entre os estudantes", isso destaca uma necessidade de reavaliar as abordagens pedagógicas e os processos de aprendizagem da referida disciplina (Schwartz; Dalvi; Ramalhete, 2020).

As dificuldades de leitura estão associadas não apenas às metodologias de ensino, mas a fatores sócio estruturais, pois segundo Soares (2018), o ensino de língua portuguesa no Brasil carece de contextualização que torne os conteúdos relevantes à realidade dos alunos, o que acaba gerando desmotivação e baixo desempenho de aprendizado desses alunos. Essa lacuna educacional é evidenciada pelos resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), que em 2019 apontou que 55% dos alunos do 5º ano do ensino fundamental não alcançaram níveis satisfatórios de proficiência em leitura (Brasil, 2019).

Entre os diferentes gêneros textuais que despertam a curiosidade e o interesse pela leitura, além de estimular a escrita, destaca-se o gênero tirinhas, cuja primeira publicação se dá no jornal New York World, em 1895, em Nova York (EUA), esse gênero conquistou aceitação global, principalmente entre os jovens. No entanto, foi a partir das décadas de 1950 e 1960 que as tiras começaram a ser inseridas em materiais didáticos nos Estados Unidos.

No Brasil, relacionados à aplicação educativa, os quadrinhos são consolidados com criações de "Ziraldo Pinto, o Pererê, e Maurício de Souza - Turma da Mônica e seus personagens, ambas publicações em 1959 em formas de tiras" (D'oliveira, 2009; Lopes, 2015).

Segundo Cunha (2020), no Brasil a consolidação dos quadrinhos, como um gênero textual respeitado, sofreu resistência e preconceito, sendo as primeiras produções nacionais influenciadas pelos quadrinhos norte-americanos; mas com o tempo, artistas e cartunistas incorporaram elementos da cultura brasileira, contribuindo para a legitimação cultural das HQs (Histórias em Quadrinhos). O autor menciona que no ambiente acadêmico a aceitação foi gradual, ganhando força com a introdução de disciplinas universitárias e pesquisas pioneiras. Eventos como as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos realizada na Escola de Comunicações e Artes da USP em 2011 (ECA-USP), desempenharam um importante papel na promoção e valorização das HQs como objeto de estudo acadêmico.

Destacamos a iniciativa do Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (NUPEQ/UEMS) em parceria com o Grupo de Pesquisa sobre Quadrinhos da Universidade Federal de São Paulo (GRUPESQ/UNIFESP), na modalidade virtual, em promover em abril/2025 o 1º Simpósio sobre Quadrinhos e Linguística. O evento deu destaques às histórias em quadrinhos sob diferentes prismas teóricos. Em cada um deles,

foi lançado o desafio de entender e explicar como elas podem ser estudadas dentro das diferentes corrente de pensamento epistemológico.

Dentro do pensamento mencionado anteriormente de que o gênero textual Tira possui relevância respeitada academicamente, Cunha (2020) relaciona as Tiras com um tipo de linguagem que possui características únicas, tornando-se uma referência entre as ferramentas linguísticas recomendadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/1998) e pela BNCC (2017), devido à sua capacidade de viabilizar leituras sob diversas perspectivas.

Essa versatilidade é demonstrada pela combinação, nas HQs, de uma narrativa que une a linguagem visual/não-verbal, com a linguagem escrita/verbal, integrando diferentes formas linguísticas que são aplicadas em um mesmo texto. De acordo com Segate (2011), as tiras possuem "aceitação nos materiais didáticos", por serem textos imagéticos que atraem a atenção dos alunos. Esse pensamento é confirmado por Dias, Duarte e Ferreira (2016, p.45), ao dizerem “as tirinhas humorísticas são um gênero com recursos peculiares para o aprimoramento de habilidades do educando, leitor, escritor e usuário de tecnologias".

Assim, o presente estudo tem por finalidade analisar como são tratados os fenômenos da variação diatópica em tirinhas de histórias em quadrinhos (HQs). O *corpus* são tirinhas presentes em livros didáticos de língua e suas variações como um fenômeno comum a todas as línguas vivas e tiras da internet. Todas as variações linguísticas mencionadas estiveram presentes nas nove tirinhas contidas no referido livro didático e nas selecionadas da internet. Todavia, restringimos a análise a uma amostra da variação linguísticas denominada diatópica que observa a variação linguística que ocorre pelas diferenças geográficas entre falantes de uma mesma língua ou manifesta como variação regional.

As tiras são histórias em quadrinhos constituídas por imagens desenhadas dentro de quadros –chamadas de vinhetas -, em que pode apresentar a presença do texto, por meio do balão, da legenda e da onomatopeia. Ramos (2016, p. 20) considera quadrinhos como hipergênero, que agrega diferentes gêneros, “cada um com suas peculiaridades”. Em outras palavras, é hipergênero porque reúne gêneros, como tiras (cômica e seriada), o cartum, a charge, os romances gráficos etc. Esses gêneros estão presentes em jornais, revistas, livros didáticos, em suportes digitais, *blogs* entre outros espaços. Estudiosos como Nicolau e Magalhães (2013), Magalhães (2013) e Ramos (2013), têm desenvolvido trabalhos envolvendo a temática tiras em seus diferentes domínios.

Ramos (2014), mostra por meio de seus estudos que a tira tem sofrido ampliação dos seus formatos na criação das histórias. Pode aparecer no formato horizontal muito frequente nos diários jornalísticos impressos, como pode ser construído em formato de duas ou três tiras, de contornos quadrados em vez dos retangulares ou de composições inovadoras.

Castro (2016) ao pesquisar acerca das tiras identificou formatos diferentes, encontrou o que denominou de protípico, ou seja, tamanhos plurais, dentro das tiras, por exemplo, modelo retangular e horizontal, composto por quatro quadrinhos. Ainda sobre os formatos das tiras, Magalhães (2006) afiança que, mesmo com moderação de espaço o caráter humorístico gráfico permanece para captar a atenção do leitor e a pluralidade de efeito de sentidos. O conceito das tiras liga-se à condição de crítica e ou reflexão sobre a condição humana dos fatos do cotidiano.

Para entender esse gênero textual (HQs,) informa McCloud (2005), para dar atenção as caraterísticas que acompanham as tiras tais como: grupo de imagens, sequência temporal, com linguagem baseada em símbolos visuais, além de elementos e estrutura comuns, como: balão de fala e legendas, requadro, onomatopeias, linhas cinéticas, enquadramento, elipses, percepção visual de tempo e espaço.

Os elementos demostrados por McCloud (2005) não são homogêneos em todas as tiras, elas podem não compartilhar, com tanta evidência, a percepção visual de tempo e espaço, pois a tira trata-se de uma narrativa independente, composta de uma sequência de três ou quatro quadros e faz referência à vida cotidiana. As tiras, diferente das histórias em quadrinhos, são

arquitetadas para existir de maneira imediatista, por abordar fatos muito próximos do cotidiano que ocorrem em momentos próximos.

McCloud (2005, p. 20), apresenta os quadrinhos como "imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador", e coloca o leitor como sujeito formador de opiniões diante da leitura das metáforas e analogias, contribuindo para valores universais e relação com o mundo.

Quando pensamos em estudos sobre a variação linguística reportamos à sociolinguística, ramo da linguística que estuda a língua em diferentes cenários socioculturais. De acordo com Alkmim (2005), a Sociolinguística nasceu de um grupo de estudiosos preocupados com fatores de ordem social e cultural.

Dentre esses estudiosos o estadunidense, William Labov, foi o que fundou Sociolinguística Variacionista, quando publica um trabalho em (1963) e neste estudo o autor compara fatores como: "[...] idade, sexo, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico manifesto dos vineyardenses, mais concretamente, à pronúncia de determinados fones do inglês," estudo determinante para fixar o modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto que ficou conhecido como conhecido Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação (Alkmim, 2005, p. 30). Assim, a Sociolinguística Variacionista, tem como fundador William Labov, a Sociolinguística Interacional, John J. Gumperz e na Sociolinguística Educacional, Stella Maris Bortoni-Ricardo.

Importante discorrer que no Brasil, os estudos sociolinguísticos variocionistas têm se mostrado produtivo com desenvolvimento de grandes projetos e constituição de bancos de dados linguísticos que culminaram em material para elaboração de dissertações e teses em programas de mestrado e doutorado de várias IES brasileiras. Um projeto considerado pioneiro em utilizar metodologia da Sociolinguística Variacionista no Brasil, foi projeto PEUL[4] (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), do Estado do Rio de Janeiro, que visa o estudo do português falado no Rio de Janeiro. A partir desse projeto outros surgiram no Brasil, (Paiva; Scherre, 2005, p. 205), como o Projeto Varsul[5] o que foi possível "contatar que, a depender da conjugação de fatores linguísticos e extralinguísticos, o carioca, em dias de sol, curte ir à praia e, depois, adora toma umas cervejinhas, assistindo o jogo de futebol"

A sociolinguística Educacional enfatiza um ensino voltado à variação linguística para desmistificar a questão do conceito de certo /errado em linguagem e vincular a forma adequado/inadequado. Nesse cenário, Bortoni-Ricardo (2005, p. 14-15) afirma que no Brasil "as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta[...] variedade linguística não está errada, mas que ela tem contextos específicos de uso".

Bagno e outros linguistas examinam a variação linguística, como uma característica natural das línguas e classificam as variações em: diatópicas (ligadas as falas continuum rural/urbano), diastráticas ou variação social (sociais/classes e grupos sociais), e diafásicas (vinculada na linguagem formal e informal).

Segundo Bagno (2008) a variação diatópica explica às mudanças entre os falares de lugares diferentes, por exemplo, os residentes em espaços rurais e os residentes na zona urbana. Contribui Labov (2008), que as variações geográficas da língua têm afinidade com as variações regionais, ou seja, as mudanças da língua de região para região, ou de um determinado espaço geográfico ou outro. As tiras do Chico Bento, por exemplo, apresentam traços da representação da fala caipira, na verdade são traços linguísticos comuns ao uso do português brasileiro. A variação linguística nos quadrinhos do Chico Bento não é testemunho de uma variedade desprestigiada, mas um uso linguístico regular entre os falantes do português brasileiro.

[4]A amostra digital do projeto PEUL pode ser consultada em http://www.letras.ufrj.br/peul/index.html.

[5] A amostra digital do banco de dados do projeto VARSUL pode ser conferida em http://varsul.cce.ufsc.br/

A variação diatópica ou regional, pode ser conhecida pela maneira de falar, pois todos conhecem a língua portuguesa, mas uns falam com sotaques, outros falam com chiado nas palavras conforme explica Fiorin (2008, p. 122) os "paulistanos tendem a pronunciar tal r como uma vibrante simples, um ''flap'' como costumam dizer os foneticistas, enquanto os cariocas são conhecidos por aspirar o mesmo r''. A variação diatópica e as marcações regionais são bem marcantes na língua, Camacho (1988), por exemplo, menciona a constituição do atlas[6] linguístico brasileiro demonstrando os traços linguísticos por traçar as isoglossas, a partir das extensões geográficas. O atlas linguístico brasileiro traça as múltiplas formas do português brasileiro e são estudos realizados por diferentes pesquisadores para mapear as dimensões variacionistas alcançadas pelos grupos linguísticos divididos em suas regiões.

O estudo que ora propomos restringe em olhar para a variedade diatópica presente em tiras, pois concebemos que o gênero tiras se mostra dinâmico, com linguagem do cotidiano, texto com tendência curtas e que propicia compreensão das variedades linguísticas (cf. Ramos, 2017)

Representação da variação diatópica em duas tirinhas

Consideramos na seleção das duas tiras a sua estrutura, a progressão da narrativa, os diálogos e a interação entre texto e imagem. Assim, selecionamos tiras caracterizadas por histórias curtas, formadas por dois e três quadrinhos, divididos horizontalmente em quadrinhos.

A primeira Tira de Maurício de Sousa, considerado pioneiro na criação e publicação das tirinhas, iniciando com a publicação da tira do cãozinho Bidu, 1959, mais tarde com a criação dos personagens da Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali. No ano de 1982, chega Maurício de Souza com turma do Chico Bento. Esse personagem traz caraterísticas para representar uma análise diatópica pelos aspectos multimodais presente nas imagens, pela representatividade do homem do campo, típico caipira que gosta de andar com os pés descalços, usa chapéu de palha e gosta de tocar moda de viola. A tira selecionada apresenta característica do menino caipira, em branco e preto, o pai vestido de camisa xadrez, num quarto simples. Trata-se de uma tira de Mauricio de Souza, retirada do blogdoxandro.blogspot.com.br/2014.

Fonte: blogdoxandro.blogspot.com.br/2014/07/tiras-n5878-turma-do-chico-bento.html



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

O texto trata de um gênero textual tira contendo dois quadros em que surge um diálogo entre pai e filho. O Chico Bento representa a linguagem coloquial, peculiar de espaços rurais pela troca do "lh" por "i". Quando Chico emprega a palavra "Drumi" para designar o verbo "dormir", está dando inferência de uma linguagem rural. Estamos diante de uma variação

[6] Para conhecer a história desse Atlas e do Atlas Regionais e Municipais indicamos a leitura de um Texto "RESGATANDO A HISTÓRIA DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL" de Maria do Socorro Silva de Aragão Vol. 25 – Ano 44 –n° 1 –2020 http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/53078.

diatópica, e o que faz chegar a essa definição são os elementos presentes na tira: “num”, “pr'eu”, “drumi”, “pru”, “fio”, “drumindo”, “sabe”, ““dos fim” expressões de fala considerada caipira, própria do interior do Brasil. Podemos considerar variação diatópica por serem traços considerados típicos de baixo estrato social.

Especificamente, quanto aos tipos de variação linguística, há, na referida fala, a presença de uma representação da variação diatópica nos termos: “num”, “pr'eu”, “drumi”, “pru”, “fio”, “drumindo”, “sabe”, “dos fim”, que são exemplos da fala considerada caipira, própria do interior do Brasil, como já mencionado. Do ponto de vista social, essas variações são estigmatizadas e relacionadas às camadas sociais menos favorecidas economicamente. Também pode ser considerada uma variação diastrática, tendo em vista que há contato social entre diferentes grupos.

A alteração da posição do fonema, no caso, o /r/, no interior da sílaba: “dormir” > “dromir” e “por” > “pro” alteração linguística que atinge o nível fonético-fonológico e o morfológico. Assim como ocorre com as expressões “percisá” > “precisar”, “tauba” > “tábua” muito comum na fala regional. Podemos falar do apagamento de consoante /r/ em final de palavras, o que é um traço gradual e ocorre comumente em infinitivos verbais, tais como: “andá” > “andar” ou “comê” > “comer”. Trata de uma alteração no nível fonológico, e na explicação de Bagno (2013, p.84) “poderia ser empregada igualmente para representar a fala de qualquer brasileiro, de qualquer região ou classe econômica, inclusive os brasileiros altamente letrados”.

Bortoni-Ricardo (2004, p. 58), chama atenção para a alteração dos níveis fonético-fonológico e morfológico, tratando o caráter descontínuo, presente em espaços urbanas, como por exemplo: “E aí, véio” > “E aí, velho”. Chamamos essa construção de fenômeno descontínuo, por conta do ajuizamento social, extralinguística, ligando-o à diastratia e não à diatopia. O mesmo que ocorre em “fio”, usado no lugar de “filho”, temos a representação gráfica da vocalização da consoante lateral palatal /ʎ/, como ocorre em “paia” > “palha” ou “trabaia” > “trabalha”.

A tira selecionada de Chico Bento, da Turma da Mônica, identifica a variação diatópica, pela presença da linguagem coloquial típica da zona rural, mormente com a troca da letra "lh" por "i", em que, em determinados espaços geográficos, os falantes criam hábitos linguísticos diferentes de outras comunidades linguísticas. Esses hábitos compõem subsistemas, chamados de dialetos regionais. Podemos falar de marcas socioculturais construídas por meio da cultura o que justifica aparecimento da Dialetologia, considerada por Crystal (1988), como um estudo de todas as configurações de dialeto, em especial o dialeto regional.

É justamente pelas diferenças regionais que conhecemos as acepções semânticas, ou seja, como denomina determinado objeto em diferentes regiões. Podemos citar “a macaxeira” (nordeste), “aipim” (Sul e sudeste) e “mandioca” (América do sul), entre outras denominações. São variações linguísticas de acordo com a culturas, lugares ou tradições. Os aspectos físicos da tira trazem outras representações, a imagem do Chico Bento, traz marcas de um sujeito caipira, da roça, com roupas simples e chapéu de palha, moveis simples traz traços de aspectos verbais e não verbais.

A segunda tira analisada foi retirada do livro didático de língua portuguesa “Se Liga Na Língua” de autoria de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, publicado pela editora Moderna, em 2022, que apresenta propostas baseadas nas metodologias ativas, em que os professores podem atuar como facilitadores ou mediadores do processo de ensino e aprendizagem e das atividades ativas desenvolvidas em sala de aula, como forma de aproximar o ensino da língua portuguesa da realidade do aluno, apresentando obras visualmente atrativas e que se comuniquem com a linguagem real do jovem.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi, (2022, p. 79)



SALLES, Diogo. **Urbanoide**. 2012. 1 tirinha. Disponível em: https://diogosalles.wordpress.com/2012/10/29/urbanoide/. Acesso em: 19 jul. 2022.

Essa segunda tira, de Diogo Salles trata-se de uma tira com três quadrados, dois personagens aparentemente conhecidos num diálogo sobre hábitos e costumes cariocas. O Urbanoide (rapaz de barbicha), traz evidências da variação regional do português usado no Brasil ao brincar com as diferenças entre as linguagens empregadas por paulistanos e cariocas. Utiliza da imitação da pronúncia como recursos para o reconhecimento da fala regional entre paulista e carioca.

Logo de início a tira já mostra a escrita da palavra com x (paulixta), como uma tentativa de reproduzir a forma de falar característica dos cariocas ao pronunciarem a letra s. assim, o carioca indaga o paulista acerca dos hábitos alimentares e utiliza da multimodalidade que são os aspectos físicos, trejeitos no rosto, e um manuseio da boca como se reprovasse o hábito do paulistano de pôr purê de batata no hot dog, e na resposta o paulistano também depõe para um hábito alimentar do carioca e mostra com estranhando na atitude de os cariocas colocarem catchup na pizza. Mais uma vez a multimodalidade surge para auxiliar no estranhamento no gesto colocado no Paulistano e nas diferenças culturais entre os falantes de uma mesma língua, o português, porém com acentuadas diferenças regionais.

Estamos diante de uma tira mostrando a variação linguística diatópica ao fazer referência a práticas culinárias que variam de acordo com a região. O diálogo na tira reflete as diferenças regionais, com uma personagem destacando uma prática comum em uma determinada região e a outra respondendo com uma prática característica de outra região. Essa menção ao uso de purê de batata no hot-dog e de catchup na pizza são referências a práticas culinárias que variam de acordo com a região, com os costumes e com os hábitos culturais.

A identificação acerca da variação diatópica, envolve diferenças linguístico-culturais entre regiões. Acrescentamos o uso de gírias como "Aí, Paulixta!" e "mermão” expressões que remete às variações sociais na fala dos personagens, o que se enquadra na variação diastrática, que lida com a linguagem de diferentes grupos sociais, como idade, classe social etc.

A variação diatópica está relacionada ainda às diferenças na pronúncia, que são os dialetos (variações linguísticas) regionais brasileiros, ou seja, alteração no modo de falar pronunciando as vogais, de forma mais abertas que outras. Muitos estudos têm sido realizados, especialmente com o uso de programas computacionais de análise acústica e de variação linguística diatópicas e diastráticas do português do Brasil.

Para conhecer o panorama que determina as variações abertas x fechadas ou abaixadas x elevadas, que são as variações diatópicas, diastráticas, vale realizar uma

consulta aos dados dos inquéritos do Projeto Atlas Linguístico[7] do Brasil – AliB, e consultar os estudos de Leda Bisol[8](1983,1988).

As tiras ora analisadas trazem contribuições importantes para entender a relação entre as variáveis linguísticas do português do Brasil, isto é, entre as diferentes maneiras de dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade (Tarallo, 2001) com pequenas diferenças quanto às variantes diatópicas, ora na pronúncia ora no falar regional que no caso foi o carioca e o paulistano

Em se tratando de linguagem visual e a presença de expressões que vão além da linguagem verbal, Simões (2018) ensina que a multimodalidade se apresenta como um potencial na comunicação, pois ela traduz manifestações, exteriorizações, que sevem na representação de ideias na comunicação humana. Os signos presentes nessas HQs analisadas nos permitem elucidar a presença do que pode ser alinhado à variação do tipo diafásica, com a presença dos balões, com as expressões faciais e a movimentação das personagens nos quadros.

Mais do que os sotaques, a língua portuguesa falada tem um estilo próprio e diferente de acordo com a região do país. São palavras diferentes, gírias e expressões regionais que enriquecem a pluralidade cultural brasileira. Confira algumas palavras e seus "significados" em diversas localidades do país.

Considerações finais

As análises das tiras selecionadas para este estudo revelam diferentes modos de olhar para as variações linguísticas. Justificamos o estudo dessa temática por estar relacionada à Sociolinguística, ramo da linguística responsável pela relação entre língua e sociedade, contribuindo para entender as variedades existentes no português brasileiro.

Além da variação diafásica, as variações diatópica e diastrática são exemplos de tipos de variações e são temáticas que tratam da relação língua e sociedade, objeto de estudo da Linguística e da Sociolinguística, pois ambas se preocupam com fatores linguísticos e extralinguísticos, principalmente a sociolinguística que estuda a maneira de falar, segundo as distinções históricas, geográficas, econômicas, políticas, sociais.

É importante ressaltar que o foco da Sociolinguística é o efeito da sociedade sobre a língua (Bagno, 2007) e foi considerada como ciência autônoma e interdisciplinar a partir da metade do século XX. Com o surgimento da Sociolinguística, e relevância da considerar a fala um fenômeno linguístico e que os estudos trouxeram contribuições importantes sobre a língua e seu funcionamento.

Explica a estudiosa Souza (2005) que a sociolinguística se preocupa com a comunidade de fala, por isso considera a língua como uma estrutura viva que pode ser modificada de acordo com a região onde é empregada, ou seja, ela possui um caráter heterogêneo.

Estudiosos como Fiorin (2004), Bortoni Ricardo (2004, p. 23), Aragão (2010) se dedicaram a pensar as variedades de maneira ampla. O dialeto (ou variedade regional), por exemplo são falares regionais que ocorrem em determinadas regiões geográficas e contribuem para os estudos da variação diatópica,

O estudo ora realizado se propôs a olhar para a variação diatópica (fonética) quando uma palavra pode ser pronunciada de várias maneiras, como exemplo tem-se a variação dos

[7] ARAGÃO, M. do Socorro S. de. Aspectos fonéticos do atlas linguístico da Paraíba - As vogais pretônicas. IX ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL. Anais. Caxambu: ANPOLL, 1994, p. 833-840.

[8] BISOL, Leda. Variação da pretônica. Letras de Hoje 54, p. 81-97, 1983. BISOL, Leda. A vogal pretônica e a diversidade dialetal. Ilha do Desterro, 20, p. 9-18, 1988.

sons. O *corpus* analisado, as tiras no contexto das variações diatópicas ou regionais, se mostrou pertinente para o estudo das variações. Os itens lexicais presentes na tira trouxeram amostra da descrição linguística da variação diatópica marcada pelo falar regional.

Nesta perspectiva, esse estudo proporcionou uma abertura para análise das variações linguísticas em outras tiras, focando as demais variedades presentes na língua como diafásicas. Por fim, o estudo trouxe motivação para outros estudos e leituras acerca da variação diatópica, bem como identificar sotaques, dialetos, falares, pronúncias em outras tiras, observar a construção de diferentes palavras para os mesmos conceitos, conhecer os atores que influenciam a variação diatópica, além de conhecer hábitos e tradições, culturais por meio de leitura de Tiras.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M. do S. S. de. Variantes diatópicas e diastráticas na língua portuguesa do Brasil. João Pessoa-PB: Graphos, v. 12, n. 2 Dez/2010.

BAGNO, M. *Gramática Pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2021.

BAGNO, M. *Preconceito Linguístico*: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2007.

BAGNO, M. *Português ou brasileiro*? Um convite à pesquisa. 4.ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BAGNO, Marcos. *Norma linguística*. São Paulo: Loyola, 2000.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. *A língua de Eulália*. Novela Sociolinguística. São Paulo: Contexto, 1997.

BAGNO, M. *Sete erros aos quatro ventos*: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola editorial, 2013.

BORTONI-RICARDO, S. M. Nós cheguemu na escola, e agora? SP: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO S. M. Educação em língua materna. A sociolinguística na sala de aula. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial 2004. ISBN: 978-85-88456-17-4. p. 779

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Secretaria de educação fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais:* Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMACHO, R. G. Norma culta e variedades linguísticas. In: Pedagogia Cidadã: cadernos de formação. Língua portuguesa Vol. 1. São Paulo: UNESP, Pró-reitoria de Graduação, 2004

CRYSTAL, D. Dicionário de linguística e fonética. Dias, M (Trad). Jorge Zahar, 1988.

FIORIN, J. L. (Org.). Introdução à linguística: I objetivos teóricos. São Paulo: Contexto, 2004.

CASTILHO, A. T. Nova Gramática do Português Brasileiro. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

ORMUNDO, W. *Se liga na língua*: leitura, produção de texto e linguagem: manual do professor. Wilton Ormundo, Cristiane Siniscalchi. – 1. Ed. – São Paulo – Moderna, 2018. (obra em 4 volumes – 6º ao 9º ano).

LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

ALKMIM, T. M. Sociolinguística – parte I. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (orgs) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v. 1 São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

MCCLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: M. Books. 2005. p. 217.

PAIVA, M. da C.; SCHERRE, M. M. P. Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL. Delta, v. 15 n. especial, p. 201-232, 1999

POSSENTI, S. *Os humores da Língua*. São Paulo: Contexto, 2010.
_____. *Humor, língua e discurso*: As técnicas narrativas de piadas e textos humorísticos que surpreendem o leitor com sentido inusitado. Revista Língua Portuguesa, Ano V, n.64 – fev/2011.
RAMOS, P. A leitura dos quadrinhos. São Paulo: Contexto, 2010.
RAMOS, P. Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <http://gel.locaweb.com.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_28.pdf>. Acesso em: 15 julh. 2014.
RAMOS, R. B. T. A formação da identidade dos leitores na leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis. Goiânia: UFG, 2011. Disponível em: <http://www.gelbc.com.br/pdf_jornada_2011/rubem_ramos.pdf>. Acesso em 02 set. 2014.
RAMOS, P. Tiras no ensino: Parábola Editorial, São Paulo, 2017
SIMÕES, D. Multimodalidade e inteligências múltiplas nas aulas de Língua Portuguesa. Revista Polyphonía, v. 29, n. 2, Goiânia, p. 314-325, 2018.
SOARES, M. *Alfabetização e Letramento*: muitas facetas. São Paulo: Contexto, 2018.
SOUSA, R. M. A Sociolinguística na Formação Docente. In: Aprendendo a aprender. FÉLIX, J. d‟Arc B (org.). UniCEUB - Faculdade de Ciências da Educação- Guia de Formação para Professores das Séries Iniciais – Convênio com a Secretaria de Educação GDF, 2005.
TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.
TRAVAGLIA, L. C.; ARAÚJO, M. H. S.; ALVIM, M. T. F. Metodologia e Prática do Ensino de Língua Portuguesa. 4 ed. Uberlândia, EDUFU, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/29683/1/MetodologiaPr%C3%A1ticaEnsino.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2024.
TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação*: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2006.
VIEIRA, S. A variação Linguística no Ensino Fundamental: Breve Análise de Livros Didáticos. In: XVII CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA - UERJ, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013. Disponível em: http://www.filo logia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/12/CadCNLF_XVII_12.pdf#page=18. Acesso em: 17 dez. 2023.